

CONSTRUÇÕES TEMPORO-ASPECTUAIS COM *SEMPRE QUE*: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL

TEMPORO-ASPECTUAL CONSTRUCTIONS WITH '*SEMPRE QUE*': A FUNCTIONAL DISCOURSE GRAMMAR APPROACH

Alana Fernanda dos Anjos Pinto¹, Michel Gustavo Fontes²

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, MS, Brasil
<https://orcid.org/0009-0006-5337-8594>
e-mail: alana.fernanda@ufms.br

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, MS, Brasil
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2376-8648>
e-mail: michel.fontes@ufms.br

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

Resumo: Este artigo investiga construções adverbiais articuladas pela conjunção complexa *sempre que* no português brasileiro contemporâneo, tendo por base os princípios teórico-metodológicos do modelo da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008). A investigação se orienta por três objetivos centrais: (i) entender a natureza da relação temporal instaurada na articulação entre orações por meio de *sempre que*; (ii) precisar o estatuto léxico-gramatical de *sempre que* considerando a abordagem da GDF acerca da classe de conjunções adverbiais; e (iii) propor representações formais, em termos de camadas e níveis que organizam o modelo, para a conjunção e para as construções por ela articuladas. A análise dos dados, pautada em ocorrências extraídas do banco de dados do *Cópus do Português* (Davies & Ferreira, 2016), demonstra que *sempre que* articula construções temporo-aspectuais, em que, ao significado temporal global da construção, associa-se um significado aspectual iterativo atrelado à base lexical de formação da conjunção (no caso, o advérbio *sempre*), o que leva à compreensão de que *sempre que* configura uma Conjunção Lexical, representada, no Nível Representacional, em termos de uma predicação monovalente, ou melhor, de uma Propriedade Configuracional de um-lugar em que se combinam um predicado adverbial (a palavra lexical *sempre*) e seu argumento referencial (a oração introduzida pela palavra gramatical *que*).

Palavras-chave: Gramática Discursivo-Funcional. Conjunções adverbiais. Conjunções Lexicais. Construções temporo-aspectuais.

Abstract: Following Functional Discourse Grammar principles (Hengeveld; Mackenzie, 2008), this paper investigates adverbial constructions introduced by the complex conjunction *sempre que* in contemporary Brazilian Portuguese. The study describes the nature of the temporal relation established by *sempre que* and determines its lexical-grammatical status based on FDG account of adverbial conjunctions. In addition, it proposes formal representations, within the model's layered architecture, for both the conjunction and the adverbial construction it introduces. The results, based on occurrences extracted from the *Cópus do Português* database (Davies & Ferreira, 2016), shows that *sempre que* links clauses in temporo-aspectual constructions, in which the temporal relation established between the linked states-of-affairs is associated with an iterative aspectual meaning attached to its lexical source, namely the adverb *sempre* ('always'). On the basis of these findings, it is argued that *sempre que* constitutes a Lexical Conjunction, analyzed at the Representational Level as a monovalent predication, specifically as a one-place Configurational Property in which an adverbial predicate (the

Lexeme *sempre*) combines with its referential argument (the clause introduced by the grammatical item *que*).

Keywords: Functional Discourse Grammar. Adverbial conjunctions. Lexical conjunctions. Temporo-aspectual constructions.

INTRODUÇÃO

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) tem abordado as conjunções adverbiais (Hengeveld; Wanders, 2007) em termos de sua composição, diferenciando as simples (como *until*, no inglês) e as complexas (como *in the event that*), e de estatuto lexical, distinguindo as gramaticais (como *before*) e as lexicais (como *in case*). Para distinguir Conjunções Gramaticais e Lexicais, dois testes formais têm sido basilares: a possibilidade de modificação por outros constituintes lexicais e a possibilidade de combinação entre conjunções de diferentes estatutos. Este trabalho problematiza tal ótica ao defender, junto a Pérez Quintero (2006; 2013) e Oliveira (2008; 2012), que uma abordagem tipológico-funcional como a da GDF em torno às conjunções adverbiais deve levar em consideração não somente propriedades formais, mas também propriedades funcionais relativas a seu funcionamento semântico-pragmático ao compor construções de natureza circunstancial.

Para tanto, investigam-se construções adverbiais articuladas pela conjunção complexa “sempre que” no português brasileiro, exemplificada em (1). Na tradição gramatical, a conjunção “sempre que” tem sido associada à marcação de relações temporais. Paralelamente, diversos autores apontam que o advérbio “sempre”, base de formação da conjunção, veicula valores aspectuais ligados à iteratividade e à habitualidade (Neves, 2011; Mateus *et al.*, 2003; Castilho, 2002; 2010).

(1) Exame cautelar em detentos feito por precaução para a verificação de lesões recentes no preso. O legista examina se a integridade física do indivíduo foi mantida durante seu transporte a caminho de a delegacia, tribunal ou em uma transferência de presídio, por exemplo. **É realizado sempre que os presos entram e saem de a prisão.** (CdP_Web/Dialetos: 25b:Br:Blog:Web)¹

¹ A fonte das ocorrências será explicitada ao longo do artigo conforme o seguinte padrão: a sigla ‘CdP’ refere-se ao banco de dados utilizado, o *Corpus do Português*; após o travessão (‘_’) se encontra a seção específica de onde se coletaram os dados; e, seguindo os dois-pontos (‘:’), está o código de identificação fornecido pela própria plataforma de busca.

Diferentemente da conjunção temporal prototípica “quando”, exemplificada em (2), “sempre que”, em (1), não apenas encabeça uma oração que designa o momento de realização do estado-de-coisas nuclear; tal conjunção também assinala para a circunstância temporal ali estabelecida distinções de ordem aspectual, associadas à marcação de iteratividade e de habitualidade.

(2) **Tive uma alergia forte *quando* comi funghi porcinni** e nunca mais arrisquei
(CdP_Web/Dialetos: 2:blg:br:web)

O primeiro objetivo deste trabalho é, então, compreender o tipo de relação circunstancial instanciada por “sempre que” na articulação entre orações. A hipótese subjacente é a de que as orações com “sempre que” não assinalam apenas o momento temporal de realização de um estado-de-coisas, mas também marcam distinções relativas à sua constituição temporal interna (ou seja, distinções aspectuais).

Diante desse comportamento funcional em que se associam distintos valores semânticos, a conjunção “sempre que” figura como exemplar bastante produtivo para implementar o debate em torno à definição e ao estatuto de conjunções adverbiais no contexto do arcabouço teórico da GDF (Hengeveld; Wanders, 2007; Pérez Quintero, 2006; 2013; Oliveira, 2008; 2012; 2014; Fontes, 2016; 2023; Fontes, Teixeira, 2023). O trânsito entre temporalidade e aspectualidade que se associa a sua marcação circunstancial ao articular orações permite questionar em que medida a determinação do estatuto léxico-gramatical de conjunções adverbiais deve suplantiar questões meramente formais e também considerar aspectos relativos à significação semântico-pragmática da construção que articulam. Nesse contexto, um segundo objetivo deste estudo está em precisar o estatuto categorial da conjunção “sempre que”, assumindo que se trata de um exemplar da classe de Conjunções Lexicais.

Conjugando os dois objetivos acima delineados, este artigo se compromete, por fim, a propor representações, em conformidade aos estratos (níveis e camada) que organizam o modelo da GDF, das construções circunstanciais com “sempre que”, buscando formalizações que adequadamente espelham as distinções semânticas ali imbricadas. O material de análise está composto de ocorrências reais de uso da

conjunção “sempre que”, extraídas do *Córpus do Português* (Davies; Ferreira, 2016), em sua versão Web/Dialetos.

Para tanto, este artigo divide-se em duas seções principais: a primeira apresenta o aparato teórico-metodológico que fundamenta a pesquisa; e a segunda traz as análises em torno da conjunção sempre que e das construções por ela instauradas. Por fim, as considerações finais encerram o trabalho com uma síntese dos principais resultados alcançados.

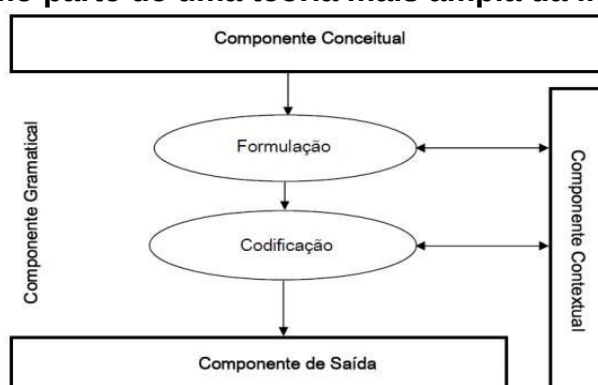
1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção, são apresentados os fundamentos teórico-metodológicos que embasam as análises e os resultados da pesquisa conduzida. Serão então abordados dois pontos centrais: primeiramente, os princípios basilares acerca da arquitetura geral da GDF, e, em segundo lugar, a distinção entre Conjunções Lexicais e Conjunções Gramaticais.

1.1 A Gramática Discursivo-Funcional

Segundo Dik (1997), uma gramática funcional não deve abordar de forma autônoma a expressão linguística, mas deve compreendê-la em função do uso que os falantes fazem dela em situações de interação verbal. Nesse sentido, ao procurar atender ao princípio de adequação pragmática, Hengeveld e Mackenzie (2008) concebem a GDF no interior de uma teoria mais abrangente da interação verbal, conforme demonstra a Figura 1.

Figura 1 - A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal

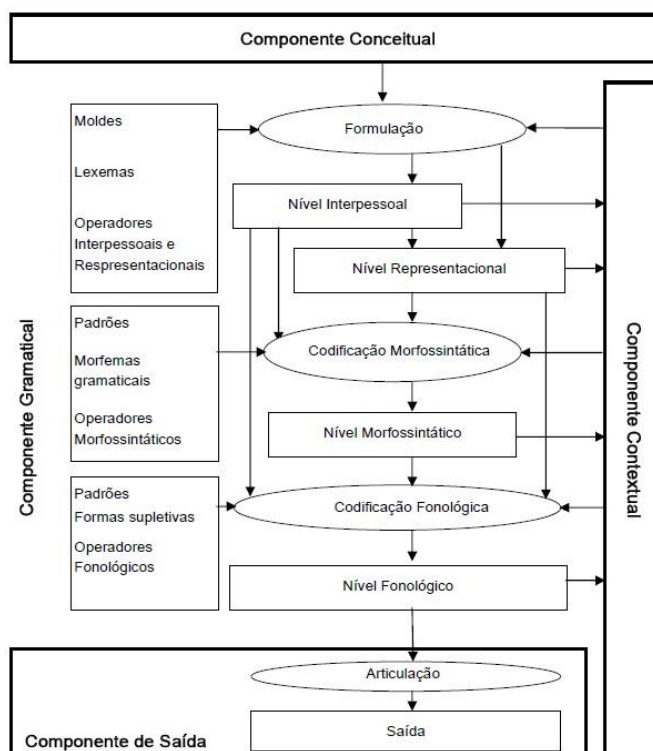


Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2012, p. 44)

Outro requisito para uma gramática funcional é, conforme Dik (1997), a consideração de dois sistemas de regras envolvidos na produção de uma expressão linguística: (i) as regras que determinam a constituição das expressões linguísticas, no caso as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas, e (ii) as regras que governam os padrões de interação verbal conforme os quais tais expressões são utilizadas, no caso as regras pragmáticas. O sistema de regras do tipo (i) é considerado instrumental em relação ao do tipo (ii), uma vez que a organização formal da língua está a serviço de finalidades comunicativas.

A figura 1 mostra que, no interior do Componente Gramatical, atuam duas operações na produção de uma expressão linguística: a formulação, responsável por transpor a intenção comunicativa advinda do Componente Conceitual em conteúdos discursivo-pragmáticos e semânticos, e a codificação, encarregada de estruturar esses conteúdos em unidades formais, sejam elas morfossintáticas ou fonológicas. A dinâmica entre elas segue uma orientação *top-down*: o processo de produção de uma expressão linguística tem início nos níveis mais altos da formulação e projeta seus efeitos até os níveis mais baixos da codificação. Desse modo, a pragmática orienta a semântica; a pragmática e a semântica orientam a morfossintaxe; e esses três níveis, conjuntamente, condicionam a realização fonológica, conforme representado na Figura 2, que apresenta a arquitetura geral da GDF.

Figura 2 - Esquema geral da GDF



Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2012, p.46)

Na Figura 2, as elipses correspondem às operações linguísticas responsáveis pela produção de uma expressão linguística; os retângulos, os níveis de representação do modelo; e os quadrados indicam os primitivos mobilizados em cada uma das operações. Cada nível apresenta uma organização hierárquica interna, estruturada em camadas, com a seleção de moldes (*frames*) adequados dentre aqueles disponíveis ao falante.

O Nível Interpessoal responsabiliza-se pela formulação interpessoal de uma expressão linguística, tomando as informações do *input* proveniente do Componente Conceitual e organizando-as em termos de unidades retóricas (relativas ao modo como o falante organiza sua mensagem tendo em vista seus objetivos comunicativos ao interagir com o ouvinte) e pragmáticas (referente ao modo como o falante modela sua mensagem considerando suas expectativas quanto ao conhecimento do ouvinte).

Em (3), estão dispostas as camadas que organizam hierarquicamente o Nível Interpessoal: o Movimento (M), a maior unidade de interação, pode ser composto por um ou mais Ato Discursivos (A). Cada Ato Discursivo, por sua vez, estrutura-se em termos de llocução (F), Participantes, os quais dividem-se em falante ((P1)S) e ouvinte

(P2)A e Conteúdo Comunicado (C), sendo este último composto por Subatos de Atribuição (T) e Subatos de Referência (R).

(3) (M₁: [(A₁: [(F₁) (P₁)_S (P₂)_A (C₁: [(T₁) (R₁)] (C₁))] (A₁))] (M₁))

O Nível Representacional encarrega-se da formulação representacional, recebendo o *input* fornecido pela operação de formulação ou pelo Nível Interpessoal e capturando suas propriedades semânticas em termos de categorias ontológicas e/ou designativas. A estrutura hierárquica do Nível Representacional encontra-se representada em (4): o Conteúdo Proposicional (p), camada mais alta, pode conter um ou mais Episódios (ep); o Episódio pode corresponder a um único Estado-de-Coisas ou a um conjunto de Estados-de-coisas tematicamente coerentes, mostrando unidade de tempo (t), localização (l) e indivíduos (x). O Estado-de-Coisas, por sua vez, pode ser composto por uma Propriedade simples, no caso uma Propriedade Lexical (f), ou por uma Propriedade complexa, chamada de Propriedade Configuracional (fc).

(4) (p₁: [(ep₁: [(e₁: [(fc₁): (f₁)_n (fc₁))] (e₁)] (ep₁)] (p₁))

As Propriedades Configuracionais abrigam os esquemas de predicação de uma língua e são formadas, basicamente, a partir da combinação de um predicado – uma Propriedade Lexical de natureza nominal (Substantivo), adjetival, verbal ou adverbial – e seu(s) argumento(s), ao(s) qual(is) são atribuídas funções semânticas como Ativo, Inativo, Locativo e Referente.

O Nível Morfossintático, primeiro nível da codificação, é responsável por mapear as informações fornecidas pelos dois níveis anteriores (Interpessoal e Representacional) em estruturas gramaticais específicas, ou seja, traduz as propriedades funcionais próprias aos níveis da formulação em unidades linguísticas de natureza morfossintática, como as dispostas hierarquicamente em (5): a Expressão Linguística (Le), a camada mais alta, estrutura-se a partir de unidades como a Oração (Cl), o Sintagma (Xp), que pode ser Nominal (Np), Adjetival (Adjp), Verbal (Vp) ou Adverbial (Advp), e/ou a Palavra (Xw), que pode ser Lexical (Lw) ou Gramatical (Gw).

(5) (E₁: [Cl₁: [(Xw₁) (Xp₁: (Xw₂) (Xp₁))] (Cl₁))] (E₁))

O Nível Fonológico, último nível da codificação, é responsável por transformar todo material recebido dos níveis anteriores em representações fonêmicas baseadas em oposições fonológicas binárias, o que gera o *input* necessário para a articulação, de responsabilidade do Componente de Saída².

Essa estratificação (em níveis e camadas) tão característica do modelo gramatical da GDF será fundamental para a descrição que aqui se quer propor em torno às construções adverbiais articuladas pela conjunção “sempre que”, permitindo precisar em que medida e a partir de que estratos interagem os significados de tempo e de aspecto na construção maior da circunstância temporo-aspectual veiculada.

1.2 Conjunções adverbiais na GDF

Dois pontos centrais da arquitetura da GDF revelam sua abordagem em torno à distinção entre léxico e gramática: (i) o conjunto de primitivos que alimentam a operação de formulação, e (ii) a abordagem quanto às classes de palavras.

Primitivos são blocos construtores, isto é, são mecanismos e/ou constituintes linguísticos responsáveis por estruturar e construir uma expressão linguística. Para cada nível e para cada camada do modelo, um conjunto de primitivos são acionados conforme a intenção comunicativa do falante. Na formulação, o primeiro primitivo a ser considerado é o molde (ou *frame*), esquemas abstratos que determinam as combinações possíveis entre unidades interpessoais e/ou representacionais. Um segundo passo está em selecionar os Lexemas apropriados a se inserir no molde; entre esses lexemas, está o núcleo, peça central e elementar do molde, e os modificadores, estratégias lexicais empregadas pelo falante a fim de restringir a denotação ou a evocação de uma camada. Por fim, são aplicadas aos moldes distinções gramaticais, selecionando-se os operadores, mecanismos gramaticais de especificação do conteúdo designado ou evocado por uma camada, e/ou as funções, estratégias altamente gramaticais usadas pelo falante para assinalar a relação (semântica ou pragmática) entre unidades linguísticas de mesmo estatuto.

² Como a presente pesquisa preocupa-se apenas com os impactos alcançados até o Nível Morfossintático, a organização hierárquica do Nível Fonológico não será, portanto, aqui detalhada.

A formalização em (6) traz um molde padrão para qualquer camada dos níveis Interpessoal e/ou Representacional. Nota-se que a camada relevante para análise, representada pela variável v_1 , contém um núcleo e pode ser restringida por um modificador (σ). Além disso, pode-se aplicar um operador (π) e/ou uma função (Φ).

(6) $(\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]: [\sigma (v_1)_\Phi])$

No tocante às classes de palavras, a GDF distingue duas grandes classes: (i) as classes de Lexemas (ou Palavras Lexicais), que têm lugar apenas no Nível Representacional, e (ii) as classes de Palavras Gramaticais, que são reconhecidas apenas no Nível Morfossintático. Enquanto os Lexemas correspondem a itens de conteúdo, disponíveis aos usuários da língua para prover informação designativa necessária para a construção de uma expressão linguística, as Palavras Gramaticais não são engatilhadas por informação lexical proveniente dos níveis da formulação e correspondem a *dummies*, a proformas ou a formas que codificam operadores e/ou funções. O quadro 1 apresenta em grande medida as possíveis classes de Lexemas e de Palavras Gramaticais.

QUADRO 1 – Correspondências entre as classes de Palavras Lexicais e Gramaticais

Palavras Lexicais	Exemplos	Palavras Gramaticais	Exemplos
Verbo	<i>limpar</i>	Verbo Auxiliar	<i>ir, estar</i>
Substantivo	<i>casa</i>	Pronome	<i>eu, ele, aquele</i>
Adjetivo	<i>bonito</i>	Proadjetivo	<i>tal</i>
Advérbio	<i>agora</i>	Proadvérbio	<i>lá, aí</i>
Adposição	<i>sob, sobre</i>	Adposição Gramatical	<i>de, em</i>
Conjunção	<i>enquanto</i>	Conjunção Gramatical	<i>que, porque</i>
Partícula	<i>hei, uau</i>	Partícula Gramatical	<i>só, até</i>

Fonte: Hengeved; Mackenzie (2008, p. 401, tradução própria)

Quadro 2 – Correspondências entre as classes de Palavras Lexicais e Gramaticais

Palavras Lexicais	Exemplos	Palavras Gramaticais	Exemplos
Verbo	<i>limpar</i>	Verbo Auxiliar	<i>ir, estar</i>
Substantivo	<i>casa</i>	Pronome	<i>eu, ele, aquele</i>
Adjetivo	<i>bonito</i>	Proadjetivo	<i>Tal</i>
Advérbio	<i>agora</i>	Proadvérbio	<i>lá, aí</i>
Adposição	<i>sob, sobre</i>	Adposição Gramatical	<i>de, em</i>
Conjunção	<i>enquanto</i>	Conjunção Gramatical	<i>que, porque</i>
Partícula	<i>hei, uau</i>	Partícula Gramatical	<i>só, até</i>

Fonte: Hengeved; Mackenzie (2008, p. 401, tradução própria)

A distinção entre Conjunções Lexicais e Conjunções Gramaticais tem sido operada da seguinte maneira: Conjunções Gramaticais são introduzidas na codificação morfossintática de uma expressão linguística como reflexo formal de funções (retóricas e/ou semânticas) atribuídas a entidades (camadas) dos níveis Interpessoal e/ou Representacional; as Conjunções Lexicais, por sua vez, são analisadas no Nível Representacional em termos de predicação monovalente, isto é, de Propriedades Configuracionais de um-lugar compostas por um predicado (f) que seleciona um argumento (α) com função semântica Referência (Ref).

Em (7), por exemplo, a conjunção *when* articula duas orações numa construção adverbial temporal. No Nível Representacional, essa construção envolve a combinação de dois Estados-de-Coisas numa relação de modificação, de modo que o Estado-de-Coisas subsidiário (e_j) designa o momento de realização do Estado-de-Coisas principal (e_i). Ao Estado-de-Coisas subsidiário é atribuída, então, a função semântica Tempo (*Time*), codificada, no Nível Morfossintático, como Conjunção Gramatical no interior da Oração adverbial (^{dep}Cl).

(7) She cleaned the house *when* the baby was sleeping.

NR: (e_i – she cleaned the house – (e_j): (e_j – the baby was sleeping – (e_j)_{Time}) (e_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(Gw_i: she_{pro} (Gw_i)) (Vp_i: – cleaned – (Vp_i)) (Np_j: – the house – (Np_j)) (^{dep}Cl_j: – when the baby was sleeping – (^{dep}Cl_j))] (^{main}Cl_i)) (^{dep}Cl_j: [(Gw_i: **when**_{conj} (Gw_i)) (Np_i: – the baby – (Np_i)) (Vp_i: – was sleeping – (Vp_i))] (^{dep}Cl_j))

Em (8), por outro lado, a construção temporal articulada pela conjunção *while* demanda outro tipo de representação, já que, diferentemente de (7), agrega-se à marcação temporal o valor de simultaneidade. Dada então a natureza lexical de *while*, é necessário especificar a configuração interna do Estado-de-Coisas subsidiário (e_j), analisando-a em termos de uma Propriedade Configuracional (f^c) de um-lugar em que o predicado (uma Propriedade Lexical) monovalente *while* toma, como seu argumento, o evento *the baby was sleeping* (e₃), a que se atribui a função semântica Referência (Ref). No Nível Morfossintático, *while* é codificado como uma Palavra Lexical (Lw), prefaciando a Oração adverbial (^{dep}Cl).

(8) She cleaned the house *while* the baby was sleeping.

NR: (e_i: – she cleaned the house – (e_i): (e_j: – while the baby was sleeping – (e_j)_{Time}) (e_i)) (e_j:

(f^c_i: [(f_i: **while**_{conj} (f_i)) (e_k: – the baby was sleeping – (e_k)_{Ref})] (f^c_i)) (e_j)_{Time})

NM: (^{main}Cl_i: [(Gw_i: she_{pro} (Gw_i)) (Vp_i: – cleaned – (Vp_i)) (Np_j: – the house – (Np_j)) (^{dep}Cl_j: – while the baby was sleeping – (^{dep}Cl_j))] (^{main}Cl_i)) (^{dep}Cl_j: [(Lw_i: **while** (Lw_i)) (Np_i: – the baby – (Np_i)) (Vp_i: – was sleeping – (Vp_i))] (^{dep}Cl_j))

Na GDF, a determinação do estatuto léxico-gramatical de constituintes tem se pautado em dois principais testes: o de modificação e a disponibilidade para nucleação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2016, p. 1157), o estatuto lexical pleno de um elemento envolve a possibilidade de ocorrência como núcleo de uma estrutura (interpessoal ou representacional), o que implica, por sua vez, a possibilidade de modificação por outra unidade lexical. Esse último é o parâmetro central de que se valem Hengeveld e Wanders (2007) para avaliar o estatuto léxico-gramatical de conjunções adverbiais.

Em (9a), observa-se que a conjunção temporal *before* pode ser qualificada pelo sintagma *three hours*, e o mesmo não acontece com a conjunção *until*, em (9b), não

sendo passível de modificação. Desse modo, *before* constitui-se uma Conjunção Lexical, e *until* uma Conjunção Gramatical.

- (9) a She called him three hours *before* she left.
b *She stayed home three hours *until* the meeting began.

A aplicabilidade desse parâmetro na distinção léxico-gramatical entre conjunções tem sido bastante criticada e debatida em trabalhos como os de Pérez Quintero (2006, 2013), Oliveira (2008, 2012), Fontes (2016; 2023) e Fontes; Teixeira (2023). Embora, como reconhecem Hengeveld e Mackenzie (2016), sua aplicabilidade seja tipologicamente produtiva para a classe de verbos plenos, substantivos, adjetivos e advérbios, a classe de conjunções lhes impõe certas restrições e improdutividades, principalmente se considerarmos a formação diacrônica das conjunções adverbiais, uma vez que a grande maioria é resultado de processos de mudança linguística, principalmente de gramaticalização, surgindo da combinação (ou fusão) de unidades linguísticas, especialmente com base no clássico esquema [X-que], em que a conjunção “que” (a conjunção subordinativa mais prototípica) combina-se com elementos como advérbios, preposições, substantivos e verbos.

Além de possuir caráter puramente formal, o critério da modificação tem se revelado de operacionalização limitada para uma distinção que se pretenda aplicável, de modo abrangente, à classe das conjunções. Para Pérez Quintero (2013), a (im)possibilidade de modificação de uma conjunção está mais atrelada a questões semânticas do que propriamente de estatuto léxico-gramatical. Segundo a autora, conjunções temporais tendem a admitir modificação com maior facilidade do que outros tipos de conjunção. Além disso, a título de exemplificação, a autora também mostra que expressões como *three hours* ou *shortly* modificam mais facilmente conjunções temporais como *before* e *after*, que expressam relações entre eventos, do que *until*, cuja função é assinalar um ponto específico no tempo.

A proposta de Oliveira (2008, 2012) é a de que a distinção entre Conjunções Gramaticais e Lexicais deve se pautar em um conjunto de parâmetros de ordem pragmática, semântica e morfossintática, principalmente: a possibilidade de atribuição (somente Conjunções Lexicais tem caráter atributivo), a viabilidade para a definição

lexical gradual e para a formação de predicados (somente Conjunções Lexicais são passíveis de decomposição lexical gradual e estão disponíveis para as regras de formação de predicado) e o tipo de significado veiculado (o significado de Conjunções Gramaticais é mais abstrato e generalizado, já Conjunções Lexicais apresentam significado lexical específico e concreto).

Na sequência desses trabalhos, Fontes (2023) propõe que, para precisar o estatuto léxico-gramatical de conjunções adverbiais, devem ser cotejadas duas questões gerais atreladas à formulação e à codificação dessas formas linguísticas:

- (i) em termos de formulação (interpessoal e/ou representacional), uma Conjunção Gramatical assinala unicamente a circunstância adverbial, ou melhor, constitui marca 'pura e simples' da relação circunstancial estabelecida entre unidades linguísticas; já uma Conjunção Lexical, além de articular duas unidades numa relação circunstancial/adverbial, agrega, para essa relação, algum significado lexical específico;³
- (ii) em termos de codificação, as Conjunções Lexicais tendem a apresentar uma constituição estrutural mais complexa e transparente (e, portanto, menos fixada), enquanto Conjunções Gramaticais tendem a uma constituição menos complexa, menos transparente e, por conseguinte, mais fixada.

O parâmetro (ii) fundamenta-se em Bybee (2016), para quem o grau de fixação e de transparência estrutural de uma unidade linguística complexa pode ser aferido em termos de graus de sequencialidade (*chunking*) entre seus componentes, o que implica avaliar sua composicionalidade e analisabilidade. Nessa perspectiva, Conjunções Lexicais são altamente composicionais e analisáveis, já que seu significado total parte consideravelmente dos significados individuais de seus componentes, e, ao mesmo tempo, são ainda reconhecíveis suas fronteiras morfossintáticas. As Conjunções Gramaticais, por outro lado, são mais fixadas e menos transparente, de constituição estrutural interna pouco (ou praticamente nada) composicional e analisável em razão de processos de reanálise que obscurecem sua constituição complexa original.

³ Esse critério vai ao encontro do que propõe Oliveira (2008, 2012) ao defender que, enquanto Conjunções Gramaticais marcam uma relação adverbial, as Conjunções Lexicais especificam a relação.

A definição do estatuto categorial de “sempre que” fundamenta-se, neste estudo, nesses dois parâmetros. Adotam-se, portanto, critérios que consideram, de um lado, o tipo de significado veiculado e o papel desempenhado na formulação interpessoal/representacional e, de outro, o grau de transparência composicional e a fixação estrutural da unidade.

2. CONSTRUÇÕES TEMPORO-ASPECTUAIS COM A CONJUNÇÃO COMPLEXA SEMPRE QUE

A investigação a ser aqui apresentada toma por base um conjunto de cem ocorrências de uso de construções circunstanciais articuladas pela conjunção “sempre que”, todas referentes ao português brasileiro contemporâneo e extraídas da seção Web/Dialetos a partir dos mecanismos de busca da plataforma do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2016).

A análise das construções com “sempre que” será desenvolvida, nesta seção, contrastando-as, em certa medida, com construções circunstanciais com “quando”, exemplar prototípico na marcação da relação adverbial de tempo. Assim, um primeiro momento de análise diz respeito ao tipo de relação circunstancial assinalada por “sempre que”. Um segundo momento da análise considera os parâmetros propostos por Fontes (2023) para a delimitação do estatuto léxico-gramatical das conjunções. A organização dos dados, de modo que se chegue a representações formais adequadas deles, envolve, além dos procedimentos anteriormente especificados, a especificação das unidades ontológicas articuladas pela conjunção, considerando, para tanto, as camadas representacionais da GDF, e a determinação da factualidade da oração introduzida por “sempre que” (Hengeveld, 1998).

2.1. Marcação temporo-aspectual com *sempre que*

A base de formação da conjunção sob análise encontra-se no advérbio “sempre”, cuja origem está no advérbio latino *semper*, formado a partir da combinação entre o elemento *sem-*, com significado de ‘um’, e o prefixo *-per*, morfema formador de advérbios temporais (Bagno, 2010, p. 838). Embora a tradição gramatical o classifique como advérbio temporal, alguns autores, como Neves (2011), Ilari (2002) e Castilho (2010), observam que seu uso não assinala propriamente a localização

temporal dêitica de um estado-de-coisas em relação ao momento da enunciação; “sempre” especifica a constituição temporal interna do estado-de-coisas, sinalizando sua recorrência, habitualidade ou permanência ao longo de um intervalo temporal.

Segundo Ilari (2002, p. 171, grifos do autor), “o sentido de ‘sempre’ revela-se sinônimo ao de “toda vez” e inscreve-se numa série de advérbios e locuções que quantificam de maneira mais ou menos exata sobre um conjunto de ocasiões.” Trata-se, portanto, de um constituinte cuja significação se aproxima mais do domínio aspectual do que da marcação temporal propriamente dita, como se pode observar nas sentenças em (10).

- (10) a Toda nossa segurança virá “sempre” da lei. (Neves, 2010, p. 268)
b A grande empresa está “sempre” pesquisando no sentido de reformar seus planos. (Neves, 2010, p. 270)

Em (10), o uso de “sempre” incide sobre a quantificação imperfectiva dos estados-de-coisas designados, especificando sua constituição temporal interna em termos de frequência, de duração e de extensibilidade temporal. Em (10a), por exemplo, a ancoragem do evento ali designado num momento posterior ao da enunciação decorre da marcação morfológica verbal de futuro, enquanto, em (10b), a conjugação verbal de *estar* garante a ancoragem do evento designado no tempo da própria enunciação. Observa-se, assim, que, em ambos os casos, a localização temporal dos estados-de-coisas se sustenta em mecanismos diversos, como a morfologia verbal, e *sempre* opera na qualificação do modo como se desenvolve a extensão temporal interna dos estados-de-coisas, que passa a ser visualizado como iterativa, habitual ou recorrente ao longo de um determinado intervalo temporal.

Essa marcação aspectual em termos de iteratividade e de habitualidade também se faz notar nas ocorrências de construção adverbiais com *sempre que* em (11), nas quais a relação estabelecida entre os eventos envolvidos pressupõe igualmente valores de recorrência e regularidade. Por conta disso, tais ocorrências passam a ser denominadas, neste trabalho, **construções temporo-aspectuais**,⁴ em

⁴ O emprego do termo *temporo-aspectual* se inspira, centralmente, no trabalho de Giammatteo e Marcovecchio (2007) a respeito de perífrases verbais.

que se associam a ordenação temporal entre estado-de-coisas e a quantificação aspectual a partir da qual esses estados-de-coisas são apresentados.

- (11) a E uma frase que o médico disse pra mim, e que **repito sempre que me veem as crises** é: "« Você não está doente "» (CdP_Web/Dialetos: 252:gen:br:web)
- b Artigo 48 **Os comitês regionais reunirão-se sempre que for necessário** e determinarão o local de cada reunião. (CdP_Web/Dialetos: 278:gen:br:web)

Em (11a), a oração introduzida por “sempre que” designa um estado-de-coisas (de “me vir as crises”) que serve de referência temporal para a realização do estado-de-coisas expresso na oração principal (de “repetir”). Paralelamente a isso, soma-se um valor aspectual iterativo, indicando que a relação temporal entre os dois estados-de-coisas se processa recorrentemente, ou melhor, a associação temporal entre estado-de-coisas principal (“repetir”) e subsidiário (“me vir as crises”) se repete sistematicamente em todas as ocasiões em que se realiza o subsidiário.

O mesmo se aplica a (11b): a oração com “sempre que” não apenas designa um estado (de “ser necessário”) que localiza temporalmente a ocorrência do evento designado pela oração principal (de “os comitês regionais se reunir”); a construção também veicula uma significação iterativa, apontando para a habitualidade da relação temporal estabelecida entre estado-de-coisas principal (de “os comitês regionais se reunir”) e subsidiário (de “ser necessário”).

Construções temporo-aspectuais caracterizam-se, portanto, pela associação entre ancoragem temporal e quantificação aspectual nos seguintes termos: o estado-de-coisas designado pela oração adverbial fornece uma ancoragem temporal para a ocorrência do estado-de-coisas principal; ao mesmo tempo, essa articulação temporal entre os estados-de-coisas é especificada em termos aspectuais, por meio de sua quantificação, o que confere à relação a marcação de iteratividade, de habitualidade ou de recorrência sistemática.

A oração adverbial encabeçada por “sempre que”, portanto, não apenas situa temporalmente o estado-de-coisas principal, mas estabelece um quadro de

regularidade reiterada entre os dois Estados-de-Coisas ali articulados. E isso se reforça quando se traça uma comparação entre as construções com “sempre que” e as com ‘quando’.

- (12) a E uma frase que o médico disse pra mim, e que **repito *quando me veem as crises*** é: “« Você não está doente ”»
- b Artigo 48 **Os comitês regionais reunirão-se *quando for necessário*** e determinarão o local de cada reunião.

A comparação entre as construções em (11) e (12) evidencia de maneira mais precisa a distinção funcional e categorial entre “sempre que” e “quando”. Embora ambas estabeleçam uma relação temporal entre os Estados-de-Coisas articulados, a substituição de “sempre que” por “quando” altera significativamente a interpretação global da construção. Em (12), as orações encabeçadas pela conjunção “quando” limitam-se a assinalar a circunstância temporal em que ocorre o estado-de-coisas designado pela oração principal, sem acrescentar qualquer valor aspectual ou iterativo subjacente. Diferentemente de (11), a significação circunstancial instaurada em (12) é substancialmente mais neutra e menos específica, uma vez que a construção apenas informa o momento temporal de realização do estado-de-coisas principal, sem necessariamente implicar habitualidade e/ou repetição.

Uma distinção que toca as construções com *sempre que* em (11) diz respeito à factualidade do Estado-de-Coisas circunstancial. A noção de factualidade, tal como proposta por Hengeveld (1998) e desenvolvida por Pérez Quintero (1998; 2002), é um dos parâmetros tipologicamente válidos para analisar a estrutura semântica interna de orações adverbiais e refere-se ao estatuto ontológico das entidades designadas pela oração adverbial, de modo que orações adverbiais factuais designam eventos reais e proposições verdadeiras, enquanto as não-factuais designam eventos irreais e/ou proposições não-verdadeiras, ou melhor, eventos e/ou proposições que, frente à referência temporal instaurada pelo evento/proposição expresso/a na oração principal, não são podem ser tomados como reais e/ou verdadeiras, mas como projeções possíveis.

Em (11a), a oração adverbial com “sempre que” designa um evento real e, então, factual, enquanto, em (11b), se dá o contrário: a oração encabeçada por

“sempre que” designa uma projeção possível para um momento posterior ao da enunciação; trata-se, portanto, de um estado irreal e, assim, não-factual. E essa marcação entre factuality e não-factuality está atrelada à correlação modo-temporal entre as orações da construção adverbial.

A não-factuality da oração adverbial designa estados-de-coisas projetados, hipotéticos ou condicionados a uma eventual necessidade. As construções temporo-aspectuais não-factuais podem, então, implicar um significado condicional. Em (11b), a realização do estado-de-coisas subsidiário (“for necessário”) não é apresentada como fato consumado, mas como possibilidade futura; a reunião ocorrerá apenas na hipótese de a situação se verificar. As construções temporo-aspectuais não-factuais com “sempre que” evocam, desse modo, uma regularidade condicionada: não se trata da descrição de repetições efetivamente constatadas, mas da previsão de que, em toda situação em que a condição venha a ocorrer, o evento da oração principal deverá realizar-se. Assim, a iteratividade preservada pela base adverbial “sempre” incide sobre um domínio hipotético, o que aproxima a interpretação da construção de um valor condicional de escopo geral.

Assim, tomando os parâmetros de Fontes (2023) para a definição do estatuto léxico-gramatical de conjunções, pode-se, aqui, avaliar o estatuto categorial da conjunção complexa “sempre que” nos seguintes termos:

- (i) em termos funcionais, “sempre que” articula construções em que um estado-de-coisas serve de referência temporal para a realização de outro estado-de-coisas; ao mesmo tempo, a relação estabelecida é especificada em termos aspectuais, marcando a iteratividade e a habitualidade da articulação temporal entre os dois estados-de-coisas, um significado altamente atrelado à base adverbial de formação da conjunção;
- (ii) em termos formais, a constituição estrutural interna de “sempre que” é altamente transparente, isto é, marcadamente composicional e analisável, uma vez que se reconhecem seus constituintes e as relações morfosintáticas entre eles (sempre + que), bem como a contribuição semântica individual de cada elemento para o significado global da conjunção.

De (i), nota-se que “sempre que” não atua como mero marcador relacional entre orações, mas agrega à relação temporal um conteúdo semântico adicional derivado da base adverbial de sua constituição, uma vez que o valor iterativo permanece semanticamente ativo na construção e interfere diretamente na marcação da relação temporal como um todo. Isso implica que, no tocante a (ii), a emergência de “sempre que” como conjunção adverbial envolve a persistência do significado iterativo da base adverbial atrelado à significação temporal global; ao mesmo tempo, não se escamoteiam totalmente as fronteiras morfossintáticas entre advérbio e oração subordinada (introduzida pela conjunção integrante “que”). Essas considerações levam a abordar sempre como exemplar da classe de Conjunções Lexicais, o que será detalhado em termos de representações na próxima seção.

2.2. Representações para as construções temporo-aspectuais com “sempre que”

A discussão até aqui desenvolvida destacou algumas particularidades relativas ao funcionamento e à estrutura da conjunção complexa “sempre que” em comparação à conjunção temporal prototípica “quando”. Uma primeira diz respeito à marcação circunstancial, uma vez que não fica limitada à simples designação da relação temporal entre Estados-de-Coisas, mas, preservando traços semânticos oriundos de sua base adverbial, agrega, à relação circunstancial mais global, o valor aspectual iterativo/habitual. Uma segunda, muito decorrente dessa primeira, considera a transparência de sua composição semântico-estrutural, com os constituintes individuais que a formam ainda se fazendo fortemente presentes em sua significação e em sua estruturação. Essas questões sustentam seu estatuto lexical no interior do *continuum* léxico-gramatical proposto pela GDF.

Nesta seção, propõe-se representações para as construções temporo-aspectuais com “sempre que” considerando, primeiramente, o seu estatuto lexical, como Conjunção Lexical, e, em segundo lugar, a (não-)factualidade da oração temporo-aspectual encabeçada pela conjunção. Parte-se, para tanto, do pressuposto de que “sempre que” deve ser representado de maneira diferente à conjunção temporal prototípica “quando”, dada suas diversidades funcionais e formais.

Em (13), “quando” articula duas orações de maneira que o Estado-de-Coisas subsidiário (e_i), designado pela oração adverbial, modifica o Estado-de-Coisas nuclear (e_i), expresso na oração principal, estabelecendo seu marco temporal de ocorrência.

- (13) Eles recuperam a saúde “quando” voltam à terra. (Neves, 2011, p. 790)

NR: (e_i : –eles recuperam a saúde– (e_i): (e_j : –voltam à terra– (e_j)_{Time}) (e_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(Np_i: –eles– (Np_i)) (Vp_i: –recuperam– (Vp_i)) (Np_j: –a saúde– (Np_j)) (^{dep}Cl_j: –quando voltam à terra– (^{dep}Cl_j))] (^{main}Cl_i)) (^{dep}Cl_j: [(**Gw_i**: **quando**_{Conj} (**Gw_i**)) (Vp_i: –voltam– (Vp_i)) (Adpp_i: –à terra– (Adpp_i))] (^{dep}Cl_j))

No Nível Representacional, “quando” constitui a função semântica Tempo (*Time*) atribuída ao Estado-de-Coisas subsidiário (e_j), representando assim a modificação circunstancial instaurada na articulação com o Estado-de-Coisas nuclear (e_i). No Nível Morfossintático, “quando” é uma Conjunção Gramatical (Gw), codificado no interior da Oração adverbial (^{dep}Cl).

A construção temporo-aspectual factual em (14) demanda um tipo de representação diferente dado o estatuto lexical da conjunção “sempre que”. Assim como em (13), há uma relação temporal estabelecida na articulação entre Estado-de-Coisas nuclear (e_i), designado pela oração principal, e Estado-de-Coisas subsidiário (e_j), expresso na oração adverbial, de maneira que o último modifica o primeiro. Isso implica a atribuição da função semântica Tempo (*Time*) ao Estado-de-Coisas subsidiário (e_j).

- (14) Meu obstetra eh muito querido e **tira todas a minhas duvidas “sempre que” vou na consulta**, semana que vem entro no 38ª semana (CdP_Web/Dialetos: B BR aloucadobebe.blogspot.com)

NR: (e_i : –tira todas as minhas dúvidas– (e_i): (e_j : –sempre que vou na consulta– (e_j)_{Time}) (e_i)) (**e_j : (fc_i: [(f_i: **sempre**_{Adv} (f_i)) (**e_k : –vou na consulta– (e_k)_{Ref})] (fc_i)) (t_i))****

NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_j: –tira– (Vp_j)) (Np_i: –todas a minhas duvidas– (Np_i)) (^{dep}Cl_j: (**Advp_i**: [(**Advw_i**:

sempre (Adv_{wi}) (depCl_k: -que vou na consulta- (depCl_k))] (Adv_{pi}) (depCl_j)]
 (mainCl_i)

O estatuto lexical de “sempre que” demanda uma especificação na configuração interna do Estado-de-Coisas subsidiário (e_j), que passa a ser analisado em termos de uma predicação monovalente, ou melhor, em termos de uma Propriedade Configuracional de um-lugar (fc_i), em que a Propriedade Adverbial “sempre”, seu predicado, toma o evento de “ir na consulta” (e_k) como seu argumento, ao qual se atribui a função semântica Referência (Ref). Essa função semântica assinala que o papel do evento de “ir na consulta” (e_k) deve ser compreendido em referência ao predicado adverbial “sempre” (f), e tal relação predicado-argumento estrutura semanticamente o Estado-de-Coisas temporal subsidiário (e_j). No Nível Morfossintático, a oração adverbial é estruturada conforme o padrão de um Sintagma Adverbial (Adv_p), nucleado pela Palavra Adverbial “sempre” (Adv_w), com o encaixamento da oração completiva “que vou na consulta” (depCl_k).

Esse tipo de representação também pode se aplicar à construção temporo-aspectual não-factual em (15). No Nível Representacional, estabelece-se uma relação de modificação temporal entre Estado-de-Coisas nuclear (e_i) e subsidiário (e_j), especificando a constituição interna do segundo em termos de uma Propriedade Configuracional monovalente (fc_i) combinando o predicado adverbial “sempre” e seu argumento (e_k) com função Referência (Ref). No Nível Morfossintático, a oração adverbial (depCl_j) corresponde ao padrão de um Sintagma Adverbial (Adv_p), com o Advérbio “sempre” o nucleando, seguido a oração encaixada (depCl_k).

- (15) Vc não tem noção como fez bem! Tava precisando ler isso. vou imprimir e **ler**
“sempre que” precisar. (CdP_Web/Dialetos: 223:gen:br:web)

RL: (e_i: -ler- (e_i): (e_j: -sempre que precisar- (e_j)_{Time}) (e_i)) (**e_j: (fc_i: [(fi: sempre_{Adv} (fi)) (hyp e_k: -precisar- (e_k)_{Ref})] (fc_i) (ti))**)

ML: (mainCl_i: [(Vp_j: -ler- (Vp_i)) (depCl_j: (Adv_{pi}: [(Adv_{wi}: sempre (Adv_{wi})) (depCl_k:
 -que precisar-
 (depCl_k))] (Adv_{pi}) (depCl_j))] (mainCl_i))

A não-factualidade do Estado-de-Coisas subsidiário é capturada por meio do operador de hipotecidade (*hyp*) aplicado ao Estado-de-Coisa (e_k) que funciona como argumento do advérbio “sempre”. Conforme Olbertz, Garcia e Parra (2016), o operador de hipotecidade permite representar a eventualidade de Estados-de-Coisas e indica que o conteúdo sob seu escopo integra o domínio do *irrealis*, sendo concebido como dependente de condições ainda não atestadas.

O que é particularmente importante mencionar é que a conjunção sob análise não se restringe à articulação entre Estados-de-Coisas, podendo também interagir com camadas representacionais mais altas, como a do Conteúdo Proposicional. Isso se observa em (16), em que a construção subordinada escopa a avaliação epistêmica expressa na oração principal.

- (16) Talvez se colocar os blogues em a sua barra lateral, eles como actualizam **pode ser que consiga ver sempre que a actualização é feita.**

(CdP_Web/Dialetos: 1175:blg:br:web)

NR: (p_i : –pode ser que consiga ver– (p_i) (e_i : –sempre que a actualização é feita– (e_i)_{Time}) (p_i)) (e_i : (f_{Ci} : [(f_i : sempre_{Adv} (f_i)) (e_j : –a actualização é feita– (e_j)_{ref})] (f_{Ci})) (e_j)_{time})

No Nível Representacional, a oração principal designa um Conteúdo Proposicional (p_i), o que se evidencia pelo verbo modal epistêmico assinalando um valor relacionado à possibilidade. Nesse contexto, a oração introduzida por “sempre que” não se vincula apenas a um evento isolado, mas escopa o Conteúdo Proposicional mais amplo formulado pelo falante. Ao mesmo tempo, a conjunção mantém sua representação como Propriedade Configuracional (fc), composta pelo advérbio “sempre” associado ao Estado-de-Coisas subordinado.

Assumindo-se, portanto, a composição configuracional de “sempre que” em termos de combinação entre um predicado adverbial e um argumento de função referencial, torna-se possível propor uma representação estratificada capaz de capturar adequadamente o valor temporo-aspectual das construções por ela articuladas. A inserção do Lexema “sempre” na posição de predicado da Propriedade Configuracional de um-lugar que especifica a estrutura semanticamente o Estado-de-

Coisas subsidiário permite representar, no âmbito da GDF, os dois significados interligados: a ancoragem temporal, própria da relação adverbial como um todo, e a marcação aspectual iterativa, fruto remanescente da fonte lexical da conjunção.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição e análise desenvolvida neste trabalho em torno às construções temporo-aspectuais com “sempre que” demonstra em que medida o tratamento de tal conjunção como Conjunção Lexical permite representar, nos estratos da GDF, a associação entre temporalidade e aspectualidade própria dessas construções circunstanciais.

A posição de predicado ocupada pelo Lexema “sempre” no interior de um esquema de predicação monovalente é capaz de revelar a interação de seu significado iterativo com seu argumento referencial; dessa interação, projeta-se para o Estado-de-Coisas circunstancial um significado mais global, a temporalidade, responsável por assinalar o marco temporal de realização do Estado-de-Coisas nuclear.

Uma segunda distinção relevante é a proposição entre dois tipos principais de construções com “sempre que”: (i) construções temporo-aspectuais factuais, em que a iteração se ancora em eventos reais e recorrentes da experiência; e (ii) construções temporo-aspectuais não-factuais, em que a iteratividade é projetada sobre situações hipotéticas, assumindo matiz condicional. Essa última distinção se representa pela aplicação do operador de hipotecidade ao Estado-de-Coisas que funciona como argumento do predicado adverbial “sempre”.

Por fim, este trabalho também contribui para a implementação da abordagem da GDF em torno ao estatuto léxico-gramatical das conjunções adverbiais ao propor, em complemento aos critérios apresentados por Hengeveld e Wanders (2007), novos parâmetros de avaliação que tocam sua formulação e codificação, considerando mais fortemente a formação/emergência (diacrônica) dessas conjunções.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. de. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-116.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do português**: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. 2006. Acesso em: abril de 2026.

DIK, C. S. **The theory of Functional Grammar**. Ed. by K. Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FONTES, M. G. **A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação**. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

FONTES, M. G. Construções concessivas escalares: uma abordagem discursivo-funcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 31, n. 3, p. 1303-1343, 2023. DOI: [10.17851/2237-2083.31.3.1303-1343](https://doi.org/10.17851/2237-2083.31.3.1303-1343). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/55150>.

FONTES, M. G.; TEIXEIRA, J. E. B. Construções concessivas intensivas com “por mais que”: uma abordagem discursivo-funcional. **Revista DELTA**, v. 39, n. 3, p. 1-29, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202339354398>. Disponível em:

GIAMMATTEO, M.; MARCOVECCHIO, A. M. Perífrasis verbales: una mirada desde los universales lingüísticos. **Sintagma**, v. 21, p. 21-38, 2010.

HENGEVELD, K. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. (org.). **Adverbial constructions in the languages of Europe**. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. Trad. Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner. In: SOUZA, E. R. F. (org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-82.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Reflections on the lexicon in Functional Discourse Grammar. **Linguistics**, 54 (5), 2016, p. 1135-1162.

HENGEVELD, K.; WANDERS, G. Adverbial conjunctions in Functional Discourse Grammar. In: HANNAY, M.; STEEN, G. (eds.). **Structural-functional studies in English grammar**: in honor of Lachlan Mackenzie. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 211-227.

- ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (orgs.). **Gramática do português falado**. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 139-179.
- MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- OLIVEIRA, T. P. **Conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. 2008. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.
- OLIVEIRA, T. P. As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. F. (org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 119-146.
- OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 45-66, 2014.
- PÉREZ QUINTERO, M. J. **La subordinación adverbial en inglés: un enfoque funcional**. 1998. 445 f. Tese (Doutorado em Filologia Inglesa), La Laguna, 1998.
- PÉREZ QUINTERO, M. J. **Adverbial Subordination in English: A Functionalist Approach**. Amsterdam; New York: Rodopi, 2002.
- PÉREZ QUINTERO, M. J. Grammaticalization vs. Lexicalization: the Functional Discourse Grammar view. **Revista Canaria de Estudios Ingleses**, La Laguna, v. 67, n. 1, p. 97-121, 2013.
- PÉREZ QUINTERO, M. J. On the Lexical/Grammatical Status of Adverbial Conjunctions in FDG. In: OLIVA, J. I.; MCMAHON, M.; BRITO, M. (eds.). **On the Matter of Words: In Honor of Lourdes Divasson Cilveti**. La Laguna: Servicio de Publicaciones, 2006. p. 329-339.

Sobre os(as) autores(as)

Alana Fernanda dos Anjos Pinto

Graduada em Letras - Português e Literatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Sua formação acadêmica foi enriquecida pela participação em projetos de Ensino, no qual teve a oportunidade de desenvolver Sequências Didáticas com gêneros jornalísticos no Ensino Fundamental, além de abordar questões teórico-metodológicas para a elaboração dessas sequências didáticas no contexto da língua portuguesa.

Michel Gustavo

Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Câmpus de Três Lagoas (CPTL), onde atua, na graduação, junto às disciplinas da área de língua espanhola e, na pós-graduação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na área Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Análise e Descrição de Línguas. Graduou-se em Letras (Licenciatura, com habilitação em Português e Espanhol) e titulou-se Mestre e Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto. Sua trajetória de pesquisa perpassa centralmente a descrição linguística em perspectiva funcionalista, trabalhando, particularmente, com o funcionalismo de linha holandesa (Gramática Discursivo-Funcional) e com temas como: distinção léxico/gramática, mudança linguística (gramaticalização), ordenação de constituintes e articulação de orações. É membro do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (UFMS).